

**O HOMEM E A REGIÃO COMO REPRESENTAÇÕES DO UNIVERSAL: UM
ESTUDO A PARTIR DA CRÔNICA LITERÁRIA**

**THE MAN AND THE REGION AS UNIVERSAL REPRESENTATION: A STUDY
FROM THE LITERARY CHRONICLE**

Marcell Bocchese¹

Resumo: O presente trabalho² tem como principal objetivo a análise das relações regionais presentes em dois textos do escritor gaúcho Paulo Ribeiro à luz dos conceitos de região e regionalidade, principalmente mediante contribuições de Pozenato (2001; 2003 e 2009). A crônica é o gênero de análise, já que, entre o jornalismo e a literatura, tem possibilidade de alcance universal ao representar determinada região, desnudando particularidades regionais e fornecendo representação de diversas situações que se referem ao humano como um todo. Assim, estuda-se, a partir de levante bibliográfico – com posterior análise de aspectos referentes ao tema proposto –, de que forma a referência à região dos Campos de Cima da Serra, interior do Rio Grande do Sul, está presente nesses textos, sem perder de vista a universalidade da obra *Quando cai a neve no Brasil: crônicas* (2004).

Palavras-chave: Paulo Ribeiro. Crônica. Região. Regionalidade. Universal.

Abstract: The present paper has a main purpose to analyze the present regional relations in two texts of the writer Paulo Ribeiro from Rio Grande do Sul to the light of the concepts of the region and regionality, primarily through contributions from Pozenato (2001, 2003 and 2009). The Chronicle is the gender of analysis, since between journalism and literature, it has possibility of universal scope to represent particular region, denuding regional peculiarities and providing representation of several situations that refer to the human as a whole. Thus, it has been studied, from bibliographic data – with subsequent aspects analysis relating to the proposed theme – how the reference to the region of Campos de Cima da Serra, countryside of Rio Grande do Sul, is present therein, without losing sight of the universality of the work *Quando cai a neve no Brasil: crônicas* (2004).

Keywords: Paulo Ribeiro. Chronicle. Region. Regionality. Universal

¹ Jornalista e Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professor de comunicação do Centro de Ciências da Comunicação (CECC) na mesma instituição. Endereço eletrônico: marcell@bocchese.com.br.

² Algumas das reflexões e conclusões presentes neste trabalho são provenientes da dissertação de mestrado intitulada: *A crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura: uma demonstração através de Quando Cai a Neve no Brasil, de Paulo Ribeiro*, apresentada pelo autor e orientada pela professora Dra. Lisana Bertussi, no programa de pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

[...] àqueles que me cobram que só falo em Bom Jesus (que só falo em gente que nem se sabe que vivia e morreu), preciso agora dizer: não falo de Bonja nada. Falo da vida, do que é humano, do que é humano e universal.

Paulo Ribeiro³

1. Introdução

Dentre todas as publicações⁴ de Paulo Ribeiro, *Quando cai a neve no Brasil* (2004) é a obra que mais tem conquistado leitores⁵. O livro é uma reunião de crônicas publicadas no jornal *Pioneiro*⁶, textos que, entre o jornalismo e a literatura, abordam a temática da região dos Campos de Cima da Serra, Rio Grande do Sul, tema da maioria das produções literárias do escritor, já que trata-se de sua terra natal. Os textos, da mesma forma que representam aspectos naturais da região, como traços de sua paisagem, arquitetura, economia e política, mostram aspectos do ser humano que lá habita e que pode ser transportado para a categoria da universalidade.

As crônicas são carregadas de sentimentos íntimos do autor. Segundo José Clemente Pozenato (2004), no prefácio da obra, a temática

é o mundo dos Campos de Cima da Serra, ali naquele pedaço que mais despenca para Santa Catarina do que se agarra no Rio Grande do Sul. Isso quer dizer que, em sua obra, ficção e documentário se cruzam para oferecer uma imagem de muitas faces do homem dessa região. (POZENATO, 2004, s. p.).

A crônica, gênero em questão, segundo Antonio Candido (1992), é composição solta, muitas vezes despretensiosa, mas que, ligada ao dia-a-dia dos leitores, sempre

[...] elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p. 14).

³ RIBEIRO, Paulo. *Quando Cai a Neve no Brasil*: crônicas. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

⁴ Paulo Ribeiro é autor de 11 obras, que transitam entre gêneros como: conto, poesia, romance, romance-reportagem e experiências de linguagem como palíndromos (textos que podem ser lidos ao contrário, isto é, de baixo para cima, da direita para a esquerda).

⁵ A obra teve sua primeira edição esgotada rapidamente. *Vitrola dos Ausentes* (1993), segunda obra de Paulo Ribeiro, teve a sua reedição publicada 12 anos após a sua primeira publicação.

⁶ O diário, que pertence à empresa RBS (Rede Brasil Sul), é um dos mais importantes veículos de comunicação do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Paulo Ribeiro, além de representar sua cidade e região em suas crônicas, enfatiza a representação de diversos tipos humanos que, por serem seus conterrâneos, são representados em suas mais diversas idiossincrasias. É clara, então, a relação, por vezes afetiva, do autor com a região.

Entende-se que o papel do cronista, segundo Martins (1984), se assemelha muito ao papel desempenhado por Ribeiro em *Quando cai a neve no Brasil* (2004). Segundo a autora,

o cronista é o contador de histórias; sua grande vocação é transformar o seu "eu" em pesquisa de linguagem, em impressão lírica associadas à representação do real numa perfeita sintonia entre forma e digressão interior. A economia do enunciado une-se ao extravasamento do conteúdo, quando a crônica denuncia as várias maneiras de o homem expressar o mundo. [...] Nesse jogo semântico, definem-se o possível e o impossível, o universal e o particular. (MARTINS, 1984, p. 22).

Assim, são muitas as representações regionais oferecidas por Ribeiro em *Quando cai a neve no Brasil* (2004), impelidas pela perspicaz visão do escritor que, por meio de personagens fictícios, ou não, reconstrói, pela linguagem, uma possível configuração literária do universo onde foi criado, traçando um quadro simbólico de sua região.

Define-se região não como espaço recortado da própria realidade, mas como um conjunto de representações simbólicas construídas pela linguagem. Segundo Pozenato (2001, p. 591), "[...] a região será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade quanto de distância".

O teórico ainda define uma região como *construto*, ou seja, um conjunto de representações simbólicas de uma determinada realidade, elaborando perfeita síntese. Nota-se que o conceito e a definição de região

[...] são representações simbólicas e não a própria realidade ou, como ensina a Física Quântica: só existe como fenômeno aquilo que conseguimos construir na nossa linguagem. Como observa Pierre Bourdieu (1989),⁷ tanto o discurso regionalista (voltado para constituir a identidade de uma região) quanto o discurso científico (voltado para descrever relações regionais) são performativos, isto é, constroem a realidade que eles designam. (POZENATO, 2003, p. 152).

No *corpus* em questão, a "realidade" representada é a vivida pelo escritor e pelos habitantes que permaneceram no lugar. Nos textos percebe-se a visão de mundo do cronista que, umbilicalmente ligado à terra onde nasceu, narra a história de

⁷ Aqui o autor refere-se à obra Pierre Bourdieu. *O poder simbólico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

sua região, tipo de texto que, segundo Wanderley e Menêzes, é "consequência de uma visão de mundo de quem o faz." (WANDERLEY; MENÊZES, 1999, p. 183).

Entende-se que o conceito de regionalidade também é pertinente ao presente estudo. A utilização do termo vem ganhando eco em estudos teóricos que envolvem a questão da região e de suas relações e suas referências em obras literárias. Pozenato (2009) destaca outro ponto a ser mencionado em relação à utilização do conceito de regionalidade. Veja-se:

A palavra *regionalidade* [...] não se acha até hoje sequer dicionarizada, como acaba de me acusar o computador! Isso significa que, mesmo com a mudança de perspectiva, a tendência dos estudos, inclusive dos programas de pós-graduação, é a de observar e descrever a identidade regional de onde ou onde nasce uma obra literária, ou, no limite, de examinar a presença do regional na obra apenas do ponto de vista temático, sem análise da rede mais complexa das formas literárias. (POZENATO, 2009, p. 9).

Essa é uma significativa afirmativa, haja vista a importância da discussão sobre a regionalidade à medida que se queira examinar as relações regionais presentes em uma obra literária. Como ainda considera Pozenato (2009), não se deve simplesmente examinar uma obra do ponto de vista temático, mas proceder a uma análise completa da rede complexa das formas literárias.

Assim, a regionalidade garante a ampliação do sentido da obra, com a possibilidade de alcance universal. Pozenato (2009) reforça a dimensão conceitual do termo, diferenciando-o do regionalismo. Segundo ele, "[...] a dimensão regional de uma obra deveria ser examinada como elemento constituinte da obra, como regionalidade, e não como regionalismo". (POZENATO, 2009, p. 9).

O conceito de regionalidade, então, deve:

[...] abarcar tudo aquilo que traz a marca do *regional* mesmo sem regionalismo [...] a regionalidade está na representação de um universo regional, feita segundo um modo de ser regional. De uma maneira simplificada, poder-se-á dizer que a regionalidade repousa sobre uma temática e um *modus facendi* regionais, entendido este último não apenas como a utilização de uma técnica peculiar, mas como toda a maneira de se posicionar frente ao mundo, aquilo que se chama comumente "estilo de vida", e que engloba tanto a *práxis*⁸ como o *ethos*⁹ que a preside. (POZENATO, 2009, p. 26-27).

⁸ "O adjetivo prático qualifica de modo geral tudo o que concerne à ação (mais especialmente moral), em particular como consequência de conhecimentos adquiridos ("trabalhos práticos") ou de um projeto". (DUROZOI; ROUSSEL, 1993, p. 377).

⁹ Pozenato pondera que o *Ethos* deve ser entendido "[...] não apenas como um conjunto de normas que regem a ação e o pensamento dos indivíduos, mas enquanto fundamento da totalidade do cosmos. [...] *ethos* designa as próprias leis constituintes de um universo como um todo organizado". (POZENATO, 2009, p. 27).

A proposta do autor é realmente uma ampliação da questão da região para a questão da regionalidade, já que constata a presença de uma rede de relações com características de espaços regionais, o que não os reduz a espaços ou acontecimentos puramente regionais.

Um dos nomes mais expressivos da literatura nacional, cuja produção literária consegue expressar o que se entende como conceito de regionalidade, é Simões Lopes Neto. A obra desse autor capta, além da linguagem típica regional, os dramas da gente do Rio Grande do Sul, inerentes ao ser humano de modo geral, ou seja, essencialmente universais.

Segundo Pozenato (2009, p. 76), Simões Lopes Neto

não é um regionalista, uma vez que constrói sua obra à margem de toda a programação, com seus postulados ideológicos e estéticos. Conseguiu, de modo exemplar, realizar a regionalidade em seu sentido mais cabal: como uma metonímia da universalidade.

A narrativa dos causos contados por Blau Nunes, personagem de *Contos gauchescos*, não se reduz à descrição documental do espaço regional, mas ultrapassa o tempo e o espaço de sua região.

A obra de Simões Lopes Neto representa, portanto, o particular, que atinge o universal, já que desvela uma experiência humana, válida para todos os homens. Flávio Loureiro Chaves afirma que "[...] o regionalismo simoniano não se esgota na representação mimética do espaço regional; inclui a condição da problemática do homem, impondo os meios de sua própria expressão." (CHAVES apud BERTUSSI, 2009, p. 82).

A afirmação de Tolstoi (apud OLIVEN, 2006) de que somente o escritor que antes descrever sua aldeia será universal está de acordo com a discussão esboçada. Assim, a obra universal seria plenamente entendida, ou seja, captada em sua essência, por todos os seres humanos, já que, segundo Oliven (2006, p. 34-35),

[...] embora sejamos todos universais na medida em que pertencemos ao gênero humano, existe uma série muito grande de mediações que vão ao indivíduo específico até o indivíduo genérico. Apesar de existir uma categoria chamada "ser humano", os indivíduos se realizam como tal em épocas, contextos e circunstâncias muito específicas e únicas.

Assim, fica evidente o valor de uma representação regional, que retrate sua aldeia, à medida que consiga ser não apenas uma representação documental sobre uma região, mas estabeleça as relações existentes no universo regional representado, de modo que desvele as diversas e peculiares características de um determinado

grupo. Constatções a serem sinalizadas e analisadas na obra *corpus* do presente artigo, logo a seguir.

2. A crônica e a representação universal¹⁰, via região

No texto "A casa dos cavalos", Paulo Ribeiro é pontual ao expor, em tom de crítica social, por meio da descrição da fachada de uma casa muito peculiar, algumas mudanças econômicas enfrentadas pela cidade de Bom Jesus desde os anos 50. Na crônica, Ribeiro não se limita apenas à representação de características naturais de sua região, mas desnuda a relação entre algumas significativas mudanças econômicas ocorridas e suas consequências para a cidade e seus habitantes. Assim, o tema do texto é a decadência econômica da cidade de Bom Jesus e suas consequências para o ser humano.

Inicialmente, o autor descreve a fachada de uma casa situada no centro da cidade de Bom Jesus. Muito original, a parede frontal possui o desenho de dois cavalos que, segundo o autor, sintetizam o espaço regional da cidade, na década de 50:

Existe em Bom Jesus uma casa em cuja fachada aparece a figura de dois cavalos. Não tem como não ver os tobianos. Já bem no plano desse mural – a casa é um dois pisos muito valioso –, destaca-se o primeiro cavalo, o de cor branca, manchado de castanho-escuro, que pasta num terço de lajeado, onde se reflete um sol cor de ouro sobre as pedras. Logo atrás, a cabeça altiva, sobreposto ao companheiro, o outro tobiano, manchado de branco e preto e muito esguio, o cavalo olha para o horizonte para fora do mural. Descendo para o plano baixo de suas patas, rente ao chão, como um tapete, um campo verdejante e muito limpo, tendo ao fundo um capão de mato com pinheiros que apontam para o céu – e bem mais ao fundo ainda, uma mescla de nuvens baixas com nuvens pardo-escuras, numa interessante perspectiva. (p. 20).

Percebe-se, nesse início da crônica, que o autor detém-se na descrição da paisagem representada na fachada da casa. O sol "cor de ouro sobre as pedras" e a "cabeça altiva" do segundo cavalo presente na imagem, tobiano "esguio", esbelto, que inclusive "olha para o horizonte para fora do mural", podem significar o positivo momento econômico vivido por Bom Jesus naquela época. Ribeiro recorre a um tempo remoto para a construção de uma espécie de situação que ele idealiza como melhor do que o presente. A paisagem natural contida no quadro também representa

¹⁰ A partir deste momento, todas as citações do autor Paulo Ribeiro referem-se à obra *Quando cai a neve no Brasil: crônicas*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

uma favorável condição, já que havia "como um tapete, um campo verdejante e muito limpo, tendo ao fundo um capão de mato com pinheiros que apontam para o céu".

Em seguida, Ribeiro destaca sua percepção quanto à intenção da exposição do quadro encontrado na fachada da casa, ou seja:

[...] sociologicamente é possível entender a intenção de quem quis assim o cartão de visitas de sua residência. Os dois cavalos, à época da construção do mural, representavam o melhor da raça que o município produzia e, por isso, foram colocados como destaque, e estão lá há quase meio século. Tão oniscientes são os cavalos, que passaram a fazer parte da cidade; e isso, numa boa, pois há muito cessaram as piadas vacarianas sobre o mural (tempo de uma interessante rivalidade entre Vacaria e Bom Jesus que já não existe), que nenhum bonjesuense mais se importava com as chacotas. (p. 20).

Os cavalos que faziam "parte da cidade" com tanta visibilidade nos traços da imagem, de certa forma representam alguns aspectos do *ethos* do grupo de um determinado espaço regional, em um determinado tempo. Talvez impelidos pela relação econômica entre eles, já que naquela época os cavalos "representavam o melhor raça que o município produzia", o sentimento de ligação entre homem e animal era deveras intenso que, inclusive, "nenhum bonjesuense mais se importava com as chacotas" provenientes do povo vacariano, cidade que faz fronteira com Bom Jesus. A crônica personifica os cavalos como se fossem uma representação do homem local de uma forma valorizada. O texto ainda esboça algumas relações regionais ao destacar um tempo passado, quando existia "uma interessante rivalidade entre Vacaria e Bom Jesus que já não existe".

Ribeiro prossegue recontando o bom momento econômico da Bom Jesus em meados da segunda parte século XX, porém destacando as principais modificações ocorridas:

Os dois cavalos, como se vê pela descrição que tentei, é um bem resolvido quebra-cabeça que sintetiza o lugar: milhões de campo e a ostentação da pecuária, atividade predominante em Bom Jesus desde que os habitantes paulistas por lá se instalaram no tempo da povoação do continente correndo com os bugres e exportando gado. O mural com os tobianos diz tudo de Bom Jesus até os anos 1950. A partir daí, italianos, alemães e judeus investiram naquelas terras acabando com a configuração campeira em azulejos. Agora o corte era mais embaixo e começaram a deitar por terra o que havia de pinheiros na região. No auge dos desmatamentos chegaram a existir 150 serrarias no município. Depois, com essa exploração predatória, sem reflorestamento adequado, acabou o pinheiro e ocorreu o êxodo, principalmente em direção a Caxias. (p. 20-21).

Cada azulejo que compõe a figura dos cavalos pode representar uma peça do "bem-resolvido quebra-cabeça" que sintetiza um determinado tempo e espaço

regional. Com a mudança econômica ocorrida pela chegada de italianos, alemães e judeus à região, simbolicamente denuncia-se o desaparecimento dos azulejos que representavam a paisagem próspera, ou seja, derrubam-se os pinheiros que representavam a época de "fatura" e acaba-se com "a configuração campeira" presente na imagem. É significativo o trocadilho da frase "agora o corte era mais embaixo", que faz alusão à exploração da madeira na região.

O escritor prossegue esboçando a decadência econômica da cidade e suas nocivas consequências, quando diz:

Hoje, sem pecuária, sem madeiras (sem o filão do turismo, pois, por falta de atendimento, perdeu-se os Aparados da Serra para São José¹¹), Bom Jesus é uma terra devastada, terra do tinha, ele [sic.] sim, terra dos ausentes. E como é triste ver nossos conterrâneos engrossando os bolsões de miséria em Caxias do Sul!! Há anos Bom Jesus vem se arrastando entre a tentativa de um pomar de maçã aqui e um reflorestamento ali. (p. 21).

Ribeiro é explícito ao mostrar o panorama decadente de sua cidade natal e intitula-la "terra devastada", "terra do tinha" e, finalmente, como "terra dos ausentes". O autor finaliza a crônica resgatando uma lenda local, que muito sintetiza a situação precária vivida por grande parte da população local. Observe-se:

Os trabalhos são temporários, o subemprego relaciona patrão e empregado. Tanto o seu povo busca trabalho, que já se criou até uma lenda. Que o Seu Lima, figura querida na comunidade, soube que na prefeitura estavam oferecendo emprego. Chegando lá, informado que a vaga era para Engenheiro, o Seu Lima prontamente respondeu: Olha, na pindaíba (o termo é outro) que eu ando, até de engenheiro me serve! Este ano, ou no outro, o asfalto chega por lá. Esperançoso, o povo do Bonja espera melhores dias. (p. 21).

Nessa parte final do texto, rica de humanidade, Ribeiro dimensiona a situação do povo pobre da cidade, ocasionada pelo precário momento econômico atravessado por Bom Jesus e pelo sistema de classes que vive no Capitalismo. Entende-se que "Seu Lima", personagem tipificado pelo escritor, representa os cidadãos que foram prejudicados por atitudes econômicas equivocadas. Dessa forma, a crônica se encerra com uma lenda que muito bem sintetiza o estado de decadência em que se encontra, no tempo da crônica, o povo da cidade de Bom Jesus. Assim, o autor mostra que o tempo presente contido na crônica, por mais que com a chegada do asfalto "o povo do Bonja" espere por "melhores dias", representa a degradação, a precariedade.

No texto "A casa dos cavalos", Ribeiro, com sua linguagem mais objetiva, típica do seu exercício jornalístico, mostra com ênfase uma triste realidade de sua terra natal, sem se prender apenas à descrição documental do fato. Assim, como

¹¹ Aqui, o autor refere-se a São José dos Ausentes, cidade que faz divisa com Bom Jesus.

grande objetivo do escritor, percebe-se o tom de crítica social pelo descuido com os aspectos naturais de sua cidade quando, por exemplo, da chegada da tecnologia e de suas graves consequências destrutivas.

"A casa dos cavalos" traz a marca regional da cidade de Bom Jesus, na medida em que apresenta características da arquitetura e da economia dessa cidade e região, bem como sua natureza e o código ético de seu povo. Dá-se, assim, a aproximação da narrativa ao conceito de regionalidade criado por Pozenato (2009). A crônica "A casa dos cavalos" representa um universo regional, apresentando aspectos do que Pozenato (2009) chama de *modus facendis* regional na medida em que revela um "estilo de vida" de determinado povo e seu modo de se posicionar frente ao mundo.

Como representação desse "estilo de vida", por exemplo, percebe-se a relação de proximidade entre o homem e o animal, do tempo em que os cavalos, de tão significativos, "passaram a fazer parte da cidade" (p. 20) e, de modo especial, na parte final do texto, onde Ribeiro narra a lenda de um personagem da cidade que, desesperado com a falta de trabalho, se oferece como candidato à vaga de Engenheiro oferecida pela prefeitura. Revela-se, então, o comportamento do povo simples de Bom Jesus frente à precária condição econômica vigente. Ribeiro inclui, na representação de sua região, a problemática do homem de sua localidade, mostrando o indivíduo em seus aspectos humanos, portanto, universais.

É clara a presença da região no texto vista como um *construto* e não apenas como uma realidade natural (BOURDIEU, 2010; POZENATO, 2003), na medida em que, na crônica, a região se apresenta como fortemente modificada pela economia. Assim, lembra-se Pozenato (2003, p. 105), quando diz que cada disciplina privilegia um recorte da região, conforme suas "perspectivas de observação", porque é justamente isso que se percebe na crônica: o recorte de uma região configurada pelos aspectos de sua economia e não apenas pela referência às suas características naturais.

Essas são algumas características da região representada por Ribeiro, região já entendida como uma "[...] rede de relações [...] estabelecida por *um actor*, seja ele cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista". (POZENATO, 2003, p. 152).

Representam-se, então, as consequências degradantes das *decisões políticas* que foram tomadas na cidade de Bom Jesus. Percebe-se que essas *decisões*

tiveram intenso poder de mudança também em uma realidade natural, já que se modificou totalmente a paisagem da cidade e da região, mudança descrita na crônica de Ribeiro: "Hoje, sem pecuária, sem madeiras (sem o filão do turismo [...]), Bom Jesus é uma terra devastada, terra do tinha, ele sim, terra dos ausentes." (p. 21).

Benveniste diz que a região é um "[...] ato mágico, quer dizer, propriamente social, de *diacrisis* que introduz por *decreto* uma descontinuidade decisória na continuidade natural [...]." (Apud BOURDIEU, 2010, p. 113, grifos do autor). Assim, vítima dessas decisões que incidem sobre o natural é o povo e a natureza do local, pois, como foi dito na crônica, após realizado o "corte" "mais embaixo" em seus pinheiros que "apont [avam]" para o céu, o povo de Bom Jesus fica "na pindaíba", habitando a "terra do tinha".

Percebe-se que, à medida que descreve uma situação de decadência ocasionada por decisões econômicas errôneas, a crônica, por mais que se faça valer de um local regional, garante seu alcance a níveis que vão além das realidades locais, como afirma Pozenato (2003, p. 151): "[...] a existência de uma rede de relações de um tipo regional num determinado espaço ou acontecimento não os reduz a espaços ou acontecimentos puramente regionais. Serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade."

O personagem humano, em "A casa dos cavalos", é contundentemente prejudicado por decisões econômicas, e essa realidade bem pode ser observada em outras diversas regiões, constatando-se que Ribeiro aponta "metonimicamente o universo das significações humanas", (POZENATO, 2009, p. 23), que são essencialmente universais.

O final da crônica "A casa dos cavalos" remete à esperança de um futuro melhor para a população que habita Bom Jesus: "Este ano, ou no outro, o asfalto chega por lá. Esperançoso, o povo do Bonja espera melhores dias." (p. 21). Porém, o possível período de bonança, descrito por Ribeiro no final do texto, acaba por se tornar outro negativo capítulo da história da cidade, pelo menos no que se refere à história da gente pobre que lá habita.

Outro texto onde Ribeiro novamente é bastante crítico em relação às mudanças políticas e econômicas realizadas na cidade de Bom Jesus chama-se "As conchas do Dilúvio". Ribeiro escancara, via crônica, mudanças que afetaram drasticamente a paisagem local, e que interferiram consideravelmente na vida de muitos bonjesuenses, certamente com mais ênfase na dos mais pobres.

No início da crônica, o autor desenha o trajeto de um arroio da cidade, o arroio Dilúvio. Na descrição do caminho que percorre o Dilúvio, Ribeiro acaba descrevendo diversos aspectos naturais de sua cidade, citando paisagens e personagens que habitam o lugar. Observe-se:

O Arroio Dilúvio atravessa Bom Jesus depois que desce do matinho do Alfredo Aver. Desce lá, contorna a oca dos índios, serpenteia o pequeno Dilúvio por baixo do cemitério. E segue, palmo se tanto, na paralela da velha bica do Manoelão. Preguiçosamente, corta então o riozinho tímido a sombra da casinha trepada nos galhos dos plátanos, deixa o potreiro e as vacas holandesas do Carlinhos Jacoby mais à direita, entra pelo mato na Vila Pinto. O Dilúvio vai cortando o Nossa Senhora de Fátima, vai cortando e desprezando a represa da hidráulica na outra confluência. De lá, o Dilúvio segue mesmo é no trecho do lenheiro, onde ficava a galhota de um Walmor. Só que o Dilúvio quer correr pra mais adiante, o Dilúvio quer passar o cano-preto logo ali, no Fundo do Coador. O cano-preto com a água potável por cima e o Diluviozinho odoroso por baixo, já ganhando a represa dos padres. O que era a represa do Ginásio, na casa do CTG. Depois é que o Dilúvio desemboca definitivamente para a curva do perau (havia nesta curva uma pedra, havia nesta pedra crianças, havia para estas crianças um navio) e vai correr, corregozinho, pro curtume, pro farelo, pra serragem, pra descadeira dos cachoeirões. (p. 28).

Na descrição da trajetória do arroio, Ribeiro, metaforicamente, trata-o como uma espécie de personagem vivo da cidade, já que confere a ele características como preguiça e timidez, arroio que, "desprezando a represa da hidráulica", corta o "Nossa Senhora de Fátima". Esse tom prevalece no momento em que o escritor diz que ele, o Dilúvio, deseja "correr para mais adiante", passando "o cano-preto logo ali, no Fundo do Coador".

Ao longo da trajetória do arroio, o leitor depara-se com vários personagens e lugares da cidade, quando, por exemplo, o Dilúvio passa pela "oca dos índios", por uma "casinha trepada nos galhos dos plátanos" e pela "Vila Pinto". Assim, é dada uma visão panorâmica da cidade com parte da população que nela habita.

No trecho onde aparece a "curva do perau", onde há "uma pedra" com "crianças", Ribeiro diz que "havia para estas crianças um navio", conferindo tons essencialmente sentimentais a sua descrição.

Após essa descrição inicial da trajetória do arroio Dilúvio, o autor refere o que considera o local decisivo do rio, local pontual para o mote de sua crônica. Veja-se:

[...] [o lugar] onde viveu uma Amélia, onde os caraguatás floriam, onde há ainda hoje um galpãozote, um britador. Fiquemos com a edificação de pedra talhada, levantada pela turma do Bugre, fiquemos com o que se convencionou chamar de "O Bueirão". Ali se instalou o

Exército e suas máquinas. O Exército está ali, ilhando a cidade, deitando por terra o Bueirão. O Exército está ali, de algum modo, tomando a cidade: é o asfalto que chegou. (p. 28)

Nessa parte, o escritor revela a temática de sua crônica: uma crítica aos malefícios trazidos pela chegada do asfalto em sua cidade natal. Recorrendo ao passado, Ribeiro diz que o "Bueirão" é o lugar onde "viveu" Amélia, onde "floriam" caraguatás, conferindo tons nostálgicos a um passado remoto, já não mais vivido. Como na crônica analisada anteriormente, percebem-se aspectos idealizantes na narrativa de Ribeiro. O escritor ainda concede dramaticidade à chegada de operários para a pavimentação, ao intitular o grupo de "Exército" que, de posse de "suas máquinas", está "deitando por terra o Bueirão". Percebe-se que Ribeiro refere-se ao grupo de trabalhadores como um *Exército* e seu *batalhão*, que podem estar representando o poder, a coerção, arbitrariedade e a capacidade de destruir a paisagem idealizada do passado.

Na sequência, Ribeiro narra o trabalho realizado por esses trabalhadores envolvidos na pavimentação asfáltica, dizendo:

Assim que, andam por lá as máquinas a raspar. A raspar no molhado, por dentro de tudo, levantando trastes, coisas velhas, guidão de bicicleta soldado. O Exército tomou Bom Jesus e revolvem no seio do Dilúvio. Um batalhão tomou a minha cidade e agora broca e revolve por lá. Desengancha os alicerces, faz fumaça a máquina acrobata do batalhão. Do meio do lodo, as conchas do Exército revolvem o seio do nosso Dilúvio. Vi CTG assistindo a isso, sentado nas pedras, cinturando uma vassourinha, acompanhando quando desmoronavam com o Bueirão. (p. 28-29).

É claro o tom de dramaticidade imposto por Ribeiro nesse segmento do texto. As máquinas, a "raspar no molhado", simbolicamente parecem desenterrar um pouco das raízes do povo que habita às proximidades do "Bueirão". Desenterravam-se *trastes, coisas velhas* e até mesmo um "guidão de bicicleta soldado", materiais que alegorizam a realidade do povo do local. O personagem CTG, que a tudo assiste, "sentado nas pedras", sem poder nada fazer a respeito, representa a resignação do povo perante o acontecido.

Mais adiante, Ribeiro faz um apelo ao rio para que interceda em favor da população bonjesuense, como se o mesmo fosse um personagem vivo:

Também eu fiquei triste. Pedi ao Dilúvio que reagisse às conchas motorizadas que estavam ali a chafurdar, baldeando do fundo do poço tudo o que já não tinha sentido em desentranhar: os restos de índio, a bica d'água, vaca holandesa, pedaços de pau, galinheiro,

guidão e pneu mal soldados. Que o Dilúvio, só um riozinho seguido, de repente, se fizesse serpenteando, tomasse de outros córregos e que enchesse, que se acorrentasse e subisse. Que tragasse máquinas, soldados, que engolisse todo o batalhão. Que demonstrasse o seu velho método de se dizer contrariado, de garantir o seu prestígio de rio. Que o Dilúvio se desgrudasse das bordas, que arrastasse pedras, as marrecas desprevenidas, que levasse consigo a florzinha do caraguatá. (p. 29).

Extremamente envolvido com a situação degradante tanto para o povo quanto para a paisagem local, Ribeiro pede a intercessão da natureza para que reaja contra às "conchas motorizadas" que arruinavam sua cidade e seu povo.

[...] já não havia vaca, índio, marreco ou galhota do Walmor. Já não havia casinha nos plátanos, bica e Manoelão, já não havia nada. Havia o Exército, o asfalto chegando por lá. E as máquinas do Exército chafurdando no dilúvio, desenterrando a metade da cidade, desentranhando quase tudo de nós. (p. 29).

Finalmente, Ribeiro é explícito ao demonstrar seu sentimento de pertença à causa de sua gente, dizendo que "as máquinas do Exército chafurdando dilúvio" acabam por desenterrar "quase tudo de nós", ou seja, quase a totalidade dos parques e bens do povo da cidade do escritor.

A crônica "As conchas do Dilúvio" representa a pungente realidade de uma classe da população de Bom Jesus, realidade modificada por uma intervenção política em sua geografia que, além de consequências naturais, traz sequelas destrutivas de ordem humana.

Resgatando uma das definições do conceito de região proposta por Bourdieu (2010) e Pozenato (2003), vê-se que, segundo o primeiro, a região é um *construto*, um ato de divisão legítima do mundo social. Pozenato (2003) ratifica tal afirmação, já que também vê a região como um local que, além "[...] de ser em algum grau um espaço *natural* [...]" (POZENATO, 2003, p. 150, grifos do autor), é um recorte espacial resultante de um ato de decisão política e também da ordem das representações.

Em "As conchas do Dilúvio", a região é bem-representada tanto por suas características naturais, quanto pelas de ordem política, já que o texto desvela a atuação de um ato político, significativamente importante, e suas consequências para a cidade e seu povo. O tom de crítica social acentua ainda mais um dos principais objetivos de Ribeiro: tratar do ser humano de sua cidade e região. O autor, mais uma vez, elabora uma síntese da condição social vivida por parte da população de Bom Jesus. Assim, refaz a trajetória de um arroio que, humanizado pelo autor, rememora

um tempo e um espaço remotos, onde as flores ainda floriam e onde, inclusive, havia crianças.

Na crônica em questão, Ribeiro mostra marcas regionais dos Campos de Cima da Serra. Sua temática repousa no relato dos reflexos de um ato político sobre a natureza e sobre as raízes do povo que habita a cidade de Bom Jesus. Ribeiro nos mostra que, a partir dessas modificações, o estilo de vida do povo da região transformou-se consideravelmente. Segundo Ribeiro, com a chegada do asfalto, ato de ordem político-econômica, no local não mais "[...] havia vaca, índio, marreco ou galhota do Walmor. [...] [assim como] não havia casinha nos plátanos, bica e Manoelão, já não havia nada. Havia o Exército, o asfalto chegando por lá" (p. 29), ou seja, a tecnologia transformando os valores primitivos.

Não se percebe a utilização de um discurso ideológico, elaborado segundo convenções programáticas, o que o aproximaria do conceito de regionalista. Pode-se então aproximar a crônica do conceito de regionalidade, anteriormente definido por Pozenato (2003; 2009), como sendo a possibilidade de a referência à região atingir a universalidade.

Na crônica "As conchas do Dilúvio" percebe-se que a representação de um universo regional está próxima de uma temática regional daquilo que Pozenato (2009, p. 26-27) chama de *modus facendi* regional. Esse último, entendido como "[...] toda a maneira de se posicionar frente ao mundo, [...] que engloba tanto a *práxis* quanto o *ethos* que a preside". O grupo do universo regional representado por Ribeiro, ou seja, a turma do *Bugre*, o *índio*, o *Walmor*, o *Alfredo*, o *Carlinhos*, o *CTG* e o *Manoelão*, tem seu *ethos*, ou seja, seu conjunto de costumes, normas e hábitos, modificados por uma decisão de ordem política. Assim, após o emprego dessa decisão arbitrária, o que é desvelado por Ribeiro é que, tanto a *práxis* como o *ethos* desse grupo sofrem alterações, já que, após a chegada do asfalto, "[...] já não havia nada. Havia [apenas] o Exército chegando por lá." (RIBEIRO, 2004, p. 29).

Da mesma forma que em "A casa dos cavalos", a crônica "As conchas do Dilúvio" releva um escritor bastante preocupado em representar as relações existentes entre sua região e seu povo. Pode-se dizer que são motivos regionais que servem de base para que se trace e represente temas universais, plenos de verdade humana. Conclui-se que Ribeiro, em suas crônicas, acaba por perceber muitas relações regionais que, segundo Pozenato (2003, p. 149) são vistas "[...] como um modo adequado de entender como funciona, ou pode funcionar, o processo de mundialização de todas as relações humanas."

3. Considerações finais

As crônicas selecionadas para o presente estudo, na medida em que usam uma forma de comunicação próxima do leitor, com uma linguagem simples e coloquial, também valem-se de subjetividade e fantasia criativa, características fundamentais do amálgama entre o jornalismo e a literatura. Os textos possuem a capacidade de oferecer, por meio da narração de fatos aparentemente corriqueiros, cotidianos – o que é material temático típico da crônica –, grandes significação humanas, atingindo, portanto, a universalidade.

Infere-se que as crônicas de Paulo Ribeiro, longe de permanecerem no enfoque apenas imediato dos fatos, aproximam-se da literatura justamente por terem tratamento universal e usarem a criatividade da literatura, o que lhes confere durabilidade no tempo.

Pôde-se, então, verificar, mediante a análise de dois textos do *corpus* deste estudo, que a região representada não é apenas tratada como uma realidade natural. O que se conclui é que Ribeiro, no momento que descreve sua região e o povo que lá reside, estabelece outras relações existentes entre o local e seus habitantes: Relações econômicas, políticas e culturais que acabam modificando tanto a paisagem natural da região, quanto a trajetória de vida das personagens criadas.

Na medida em que se verificou a presença da região nos textos "A casa dos cavalos" e "As conchas do Dilúvio", o conceito de regionalidade, configurado por Pozenato (2003; 2009), pôde ser útil para o estudo dessas crônicas. A conclusão a que se chega é que as crônicas de Ribeiro representam o que Pozenato (2003; 2009) chama de *modus faciendi* regional, principalmente no momento em que desvelam, nas suas peculiaridades, as maneiras de um determinado povo postar-se frente ao mundo. Assim, é representado um universo regional com marcas típicas do local, mas com potencial para ter alcance universal.

Ribeiro, portanto, por meio de sua narrativa, faz um movimento que parte do particular, ou seja, da representação de um determinado povo e região, que está longe de ser apológica, atingindo contornos universais na medida em que são traduzidas circunstâncias não apenas ligadas a um determinado contexto, mas com possibilidade de remeter a outras significativas situações humanas. Assim, fica constatado o valor

de uma obra literário-jornalística que consegue, tratando essencialmente de temas do cotidiano, ser um suporte para construir a história de uma determinada região.

O autor não apenas constata mudanças econômicas vivida por uma determinada sociedade, mas dimensiona a situação tratando dos malefícios que essas mudanças causaram aos habitantes do local. Assim, consegue criar uma visão diferente da historiografia oficial. Ribeiro, por exemplo, não apenas retrata a vinda do asfalto à região como se fosse apenas a chegada da tecnologia, que se fez necessária, mas mostra os malefícios significativos causados à população local que, vítimas de decisões políticas, na maior parte das vezes arbitrárias, torna-se refém dessas decisões. É relevante, também, destacar que a obra tenha dado voz aos habitantes humildes de sua terra, dificilmente contemplados pela história convencional. Com força criativa e texto apurado, a crônica de Paulo Ribeiro dá voz a personagens de sua "aldeia" com suas características próprias e peculiares, sim, mas em sua essência humanos, portanto universais.

REFERÊNCIAS

- BERTUSSI, Lisana. Tradição, modernidade e regionalidade: poesia regionalista gauchesca de 1922 a 1932. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: Educs, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____ et al.. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. Dicionário de filosofia. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1993.
- JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. Antares: Letras e Humanidades, n° 2, p. 27-60, jul.dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/400/330>>. Acesso em: 18 abr. 2011.
- MARTINS, Dileta A. P. Silveira. História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul. 1984. Tese (Doutorado em Letras). PUC-RS, 1984.
- OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Filosofia: diálogos de horizontes. Caxias do Sul: Educs, 2001. p. 585-591.
- _____. Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- _____. Ausentes e presentes. In: RIBEIRO, Paulo. Quando cai a neve no Brasil: crônicas. Porto Alegre, Artes e ofícios, 2004. s.p.
- _____. O regional e o universal na literatura gaúcha. Caxias do Sul: Educs, 2009.
- WANDERLEY, Vernaide; MENÉZES, Augênia. Do espaço ao lugar: uma viagem ao sertão brasileiro. In: OLIVEIRA, Livia (Org.). Percepção ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Estudio Nobel, 1999. p. 173-184.